



Sustentabilidade
em Debate

Editorial

Um Novo Espaço para o Debate sobre Sustentabilidade

José Augusto Drummond
Maria Beatriz Maury
Marcel Bursztyn

A degradação ambiental e os seus impactos sobre os sistemas que asseguram a vida estão entre os grandes desafios a serem enfrentados pela humanidade. A criatividade e o desenvolvimento de conhecimentos científicos e tecnológicos nos levou a uma situação paradoxal: somos capazes de reduzir as fragilidades e limitações da vida, mediante avanços na área médica, na biologia, na saúde pública, mas somos reféns das conseqüências do progresso material e existencial. Quanto mais avançamos, mais fica evidente que precisamos criar soluções para os problemas gerados pelo nosso avanço.

A Universidade, como fonte de conhecimentos, tem papel de destaque nesse processo, seja como parte do problema, seja como parte da solução. Novos caminhos para o enfrentamento do complexo desafio ambiental estão sendo construídos em diferentes instituições acadêmicas. Isso significa que importantes mudanças estruturais estão em curso, no seio da Academia. Inevitavelmente, surgem reações de parte das estruturas de poder que se consolidaram nestas instituições ao longo de várias décadas.

Ao longo do século XX, a Universidade evoluiu segundo uma lógica orientada pela especialização, que expressou um duplo fenômeno: *fragmentação* (de disciplinas gerais em outras mais específicas) e *agregação* (de campos oriundos de diferentes disciplinas, em torno de uma nova matéria). No primeiro caso, um exemplo é o formidável desdobramento verificado nas engenharias, que outrora se organizavam em torno do conceito de *politécnica*. São exemplos do segundo caso os cruzamentos disciplinares, como Biofísica, Etnobotânica, Geofísica ou Bioengenharia.

Recentemente, um novo fenômeno tem marcado o desenho institucional da Universidade: a *interdisciplinaridade*, que é mais do que a mera soma de componentes de disciplinas. Trata-se, no caso, da *integração* (diferente da fragmentação e da agregação) de disciplinas. Isso exige método, novas práticas e mesmo a revisão do tecido institucional da Academia.

Portanto, se o século XX foi marcado pela tendência à especialização, a perspectiva para esse novo século é de que a interdisciplinaridade adquira crescente espaço na organização da pesquisa e da formação de pessoas.

Sobre o campo científico interdisciplinar que trata das questões ambientais em geral e do desenvolvimento sustentável em particular, cabe assinalar que existe um movimento em escala mundial de expansão, tanto na Universidade, quanto em instituições de pesquisa não-acadêmicas. Passaram-se quase quatro décadas desde a Conferência Mundial sobre Meio Ambiente Humano da ONU (Estocolmo - 1972); mais de duas décadas desde o lançamento do conceito de sustentabilidade, pelo Relatório

Brundtland, de 1987; e quase duas décadas desde a Rio-92. A “questão ambiental” se consagrou nas esferas políticas, de governo, da governança internacional, das atividades econômicas e, não poderia ser diferente, na Academia.

Programas acadêmicos interdisciplinares proliferaram no Brasil. Começando à época da Rio-92, em menos de duas décadas já contamos com cerca de 70 programas de pós-graduação em nível de mestrado ou doutorado voltados a temas que gravitam em torno da sustentabilidade. É o grupo que mais cresce no universo de programas credenciados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior - Capes.

Num balanço dessa trajetória, alguns aspectos podem ser destacados, além do rápido crescimento: fórmulas originais de organização, tratamento de temas com alto grau de complexidade (interdisciplinares), dificuldade em legitimação no interior de suas respectivas instituições universitárias, gargalos na identificação de periódicos especializados (afinal, trata-se de uma *não-especialização!*), busca de uma ainda não clara métrica de avaliação dos resultados da pesquisa e elevado grau de empregabilidade de seus egressos.

O momento atual é de consolidação: nas universidades, junto às agências de fomento, na constituição de organismos de representação (cite-se aqui a criação da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação - ANPPAS, em 2000), dos mecanismos e critérios próprios de avaliação por pares, de veículos para a publicação de resultados.

A institucionalização do tratamento da sustentabilidade na Academia passa pela formação de uma identidade de *comunidade epistêmica* própria, com seus postulados, conclusões e métodos validados como saber científico e, como em qualquer campo do conhecimento, implica na criação e consagração de fóruns próprios para o debate e a difusão de conhecimentos.

A idéia de criar a **Revista Sustentabilidade em Debate** é produto da percepção desse momento. Ao longo de seus 15 anos de existência, o Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília formou mais de 500 mestres e doutores em Desenvolvimento Sustentável, além de cerca de 350 especialistas na matéria. Na mesma universidade, surgiram o Laboratório de Energia e Ambiente - LEA, vinculado à Faculdade de Tecnologia, e o Laboratório do Ambiente Construído, Inclusão e Sustentabilidade - LACIS, criado em 2005. Estas três unidades acadêmicas operam de forma integrada, cada uma cumprindo um papel específico, em formação, pesquisa científica e tecnológica e extensão.

Pretende-se com a criação dessa revista, ampliar o espaço interdisciplinar para o debate e difusão de conhecimentos relevantes, mediante análise prévia do grau de consistência científica dos trabalhos submetidos. Para tanto, adota-se o princípio da avaliação por pares do tipo *double blind review*. A revista está aberta a toda a comunidade acadêmica nacional e internacional, e tem o objetivo de servir como referência e fórum de debates sobre sustentabilidade.

Podem ser submetidos textos de diversos gêneros - artigos relatando resultados de pesquisas, notas sobre pesquisas em andamento, revisões de literatura, textos de metodologia, resenhas de livros, softwares, DVDs etc. Haverá ainda espaço para entrevistas e notas informativas sobre assuntos de interesse dos profissionais engajados no campo da sustentabilidade.

Esperamos que a revista receba contribuições de peso que permitam que ela alcance penetração na nossa comunidade científica, para bem divulgar os caminhos e os resultados de nossas reflexões e intervenções.